

Resenha de livros

Esta seção destina-se à apresentação de resenhas de livros de interesse para a bioética

Éticas multiculturais: sobre convivência humana possível.

Demo P.

Petrópolis: Vozes, 2005.

ISBN: 978-85-3263-139-8

O livro *Éticas multiculturais: sobre convivência humana possível* é uma obra que oferece uma leitura fluída e, apesar seu pequeno tamanho, apresenta um conteúdo intenso e extremamente atual em relação à temas como a diversidade humana, os diferentes tipos de conhecimento, a demanda por uma pluralidade ética, entre outros. Perpassa toda a obra uma crítica contundente do colonialismo do conhecimento eurocêntrico e das diferentes formas de fundamentalismos.

O autor ressalta a pluralidade como uma característica humana e propõe éticas capazes de auto-crítica como uma solução aos fundamentalismos, que resultam da rejeição das contestações e da compreensão de que é possível que uma ética possa ser a única realmente válida. Assim como a verdade não é exclusividade de uma única cultura, a ética defendida por determinada cultura – seus valores e normas – também não pleitear uma validade irrestrita. Em outras palavras, o pensamento ético de um povo não pode pretender-se universal.

No primeiro capítulo, Demo discorre sobre uma "sociologia das éticas" em que observa que a dimensão ética faz parte do ser humano que foi desenvolvida através da dinâmica das culturas. Destacando dois extremos, criacionistas e evolucionistas, o autor defende a ideia do "meio termo", com o argumento de que de um lado está a incompletude do ser humano e sua necessidade de transcendência e de outro o conhecimento científico, que por mais que avance, não tem respostas para todas as perguntas e, aliás, consegue explicar somente "um fiapo" da realidade.

Neste capítulo o autor pondera sobre os aspectos distintivos das éticas, destacando que há uma tendência para a crença na existência

de um único referencial ético, mas esta perspectiva configura um fundamentalismo, à medida que se incompatibiliza com as diversidades evolucionárias e históricas próprias das estruturas sociais e culturais. O fundamentalismo não é uma característica exclusiva das religiões, quando estas não se aceitam plurais, a ciência acaba também caindo nesta armadilha quando aceita como válido somente o saber ditado pela cartilha eurocêntrica.

Além disso, para falar da multiculturalidade das éticas, Demo traz a premissa da constituição do sujeito, marcada pela convivência com o outro. Por conta das diferenças individuais, a própria convivência humana já coloca uma questão ética. A viabilidade dessa convivência requer normas, valores, sanções que devem regular a rotina social. Nas palavras do autor "[...] a ética não brota no ser humano por algum aceno divino ou por imposição externa, mas está incrustada na dinâmica cerebral em termos evolucionários e na dinâmica histórica em termos sociais." Do ponto de vista sociológico, a ética é contexto natural de toda sociedade, tanto no sentido negativo (dos conflitos sociais), quanto positivo (da boa convivência).

Ainda destacando o aspecto distintivo das éticas, Demo acrescenta a questão da responsabilidade, como esteio das éticas e da impossibilidade de uma autonomia absoluta. Autonomia supõe a habilidade de impor bem como a de ceder. Não há sociedade que não tenha sua "questão social", no sentido dos conflitos em torno das desigualdades e diferenças, implicando na responsabilidade ética de todos para com todos. É discutida também a questão da solidariedade possível. Demo critica a solidariedade que denomina como "efeito do poder", solidariedade da boca para fora, sem ética. Por outro lado, destaca a questão do compromisso ético que está ancorado em responsabilidades conscientes e inconscientes. Em qualquer sociedade, mesmo naquelas mais brutais, se desenvolvem regras mínimas de convivência.

O segundo capítulo, intitulado *Modernismos e pós-modernismos*, traz questões sobre o conhecimento. Segundo o autor, estamos vivendo uma "erosão das certezas", ou seja, estamos deixamos de lado a certeza rígida e ficando com outra, mais "flexível" ou, então, mais relativa. Contudo, afirma Demo, acabar peremptoriamente com as certezas também significaria cair em outra "certeza fundamentalista".

Demo chama de "saga humana do conhecimento" este tópico que

trata da importância do conhecimento para a história da humanidade e do conhecer autopoiético, de dentro para fora, auto-referente. A auto-referência faz com que vejamos a realidade através de imagem reconstruída e não "representação xerocada". Aponta as duas faces do conhecimento: o conhecimento que emancipa, liberta, é o mesmo que imbeciliza, coloniza. Este seria o lado obscuro do conhecimento, a exemplo da colonização concretizada pelo conhecimento eurocêntrico por conta de suas pretensões universalistas. Ao se impor como único saber verdadeiro, a ciência moderna seria a religião mais fundamentalista da atualidade. A imposição de determinada forma de conhecer está diretamente vinculada ao poder: conhecimento e poder caminham juntos. O conhecimento moderno acentua o desafio ético, pois, na mesma proporção que se aprimora, também marginaliza, subordina e exclui os diferentes.

Como proposta para refletir acerca da multiculturalidade ética o autor discorre sobre o "argumento de autoridade e autoridade do argumento", tópico no qual defende a ideia de que a autoridade do argumento possibilita um diálogo mais horizontal na busca de soluções para os conflitos. A autoridade do argumento pretende consensos democráticos onde, dos conflitos, possam emergir respostas para o bem comum. Os consensos precisam promover acordos que se tornem patrimônio do grupo. Nas palavras do autor: "A dimensão ética emerge incisiva neste contexto da arte de fabricar consenso, e em toda sua complexidade desafiadora". De modo contrário, o argumento de autoridade fere a convivência igualitária (de "iguais" e "diferentes") evidenciando que não se faz ética com este tipo de argumento.

O terceiro e último capítulo, *Força de uma argumentação frágil*, propõe o uso da autoridade do argumento como alternativa para as éticas orientadas pela convivência igualitária que têm como referência o bem comum. Assim como a sociedade mais suportável é a plural, as conceptions e teorias éticas também devem ser. Para desenvolver este assunto Demo utiliza as ideias de dois autores, Willian Connolly e Boaventura de Sousa Santos.

Primeiramente, aborda o pluralismo cultural e cosmopolita de Connolly, que considera a constituição complexa do ser humano, em suas dimensões biológica e cultural (corpo, cérebro, cultura) e defende na imbricação de ambas está a dimensão ética e política do sujeito,

parte consciente e na maior parte inconsciente. Trata do "naturalismo imanente", o qual não descarta o transcendental e sim o entende fazendo parte do campo imanente, colocando a dimensão ética como parte do processo natural. Demonstra-se a ideia de que a necessidade de transcendência (espiritualidade) é um fenômeno que pertence ao espaço da natureza do ser humano, apresentando-a com um elemento que permite ao humano dar conta de sua incompletude e necessidade (nunca satisfeita) de se completar.

Em seguida Demo discute a ideia de Santos, que trata do "conhecimento prudente para uma ética prudente". Entendendo ética prudente como éticas plurais e mais capazes de favorecer a convivência humana multicultural. Esse pensamento questiona a globalização hegemônica neoliberal e traz como alternativa o conceito de globalização contra-hegemônica, construída de baixo para cima, a partir dos marginalizados. Como alternativa para fazer frente ao universalismo eurocêntrico, Demo cita a proposta de Santos: uma "sociologia das ausências e uma sociologia das emergências".

A sociologia das ausências pretender demonstrar que há alternativas produzidas e desacreditadas que são mantidas ausentes, para que predomine o pensamento único. A sociologia das emergências vislumbra o futuro a partir de alternativas que levem em conta as potencialidades plurais, as infinitas possibilidades e sem modelos que sejam impostos de cima e de fora.

Outra questão destacada é a globalização como forma de reforçar a pretensão do pensamento único e universalista. Demo resgata, ainda em Santos, a alternativa do "trabalho de tradução", que visa estabelecer comunicação entre diferentes culturas e que permita inteligibilidade recíproca entre as experiências do mundo (saberes e práticas), possibilitando reconhecer os pontos em comum e os divergentes. Parte-se do entendimento de que as culturas são incompletas e que o contato entre elas possibilitaria, até o limite do possível, complementarem-se. Para Demo, o pensamento de Santos contribui para concepções mais abertas de ética (a tal ética prudente) e não impostas pela cultura eurocêntrica.

Diante dessa diversidade cultural em que algumas culturas valorizam o individualismo e outras o coletivismo, Demo coloca a questão da "convivência possível", a partir da qual ressalta que o termo "in-

completude humana" é uma metáfora que remete à potencialidade do ser humano de aperfeiçar-se incessantemente e, nesse sentido, deve ser a referência para a compreensão da convivência, da dependência e da independência do ser humano. Problemas esses que formam uma dialética constante e presente desde a educação dos filhos, processo no qual os pais são desafiados a educá-los para a autonomia (dimensão individual) e para a convivência social (dimensão coletiva/interdependência).

Apontando para as necessidades e fragilidades humanas, o autor destaca a necessidade de uma convivência mais igualitária e que detenha a sabedoria harmoniosa de contemplar igualdades e diferenças. A proposta de que a ética não deva ser imposta e sim que ela possibilite consensos, como produtos das construções coletivas e como resultado de um argumento que possa convencer sem vencer, sem destruir o outro.

As palavras finais do autor ratificam nossa característica autopoietica, de que aprendemos de dentro para fora. Portanto, a ética não pode ser imposta de fora e sim ser construída e conquistada através da autoridade do argumento. Trata-se da ética do cultivo. Ética para a liberdade e não para a subordinação. A ética que fica é aquela que faz parte, naturalmente, da vida cotidiana.

A obra de Pedro Demo enriquece a discussão atual da Bioética sobre universalismo e/ou relativismo ético, tema esse fundamental nos conflitos bioéticos da contemporaneidade. Pensar os costumes e crenças de outras sociedades tendo como parâmetros os nossos, constitui-se em um etnocentrismo que leva, muitas vezes, à intolerância, à discriminação e à xenofobia. O impasse, universalismo ou relativismo ético, nos leva ao compromisso de manter ativo o caráter dialógico e crítico da bioética, que permite que as verdades circulem, questionando os alicerces e os conhecimentos que sustentam essas mesmas verdades.

Roseclér Machado Gabardo

Programa de Pós-graduação em Bioética, Faculdade de Ciências da Saúde,
Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

rose.gabardo@terra.com.br